

humanitas

Vol. IX-X

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HYMANITAS

VOLS. VI E VII DA NOVA SÉRIE
(VOLS. IX E X DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLVII-VIII

«...onde ben si può dire che tutti gli scrittori romani, quelli anteriori come quelli posteriori a Cristo, ebbero almeno due cuori, due intelletti, due culture, cioè almeno due lingue, il latino e il greco, di cui si servirono come e quando vollero, usando l'una o l'altra, l'una e l'altra, sentendosi, nell'orbita della composita, ma inscindibile civiltà greco-latina, nati almeno bilingui.» (p. 32)

E sucede-se a indicação pormenorizada dos escritores latinos que compuseram obras em grego, sem, no entanto, ser abordada uma questão que reputamos fundamental: a da importância histórico-literária das tentativas apontadas. A verdade é que a parte significativa da obra dos principais autores citados é escrita em latim e a composição em grego aparece como diversão culta sem qualquer valor particular. E não é sintomático o que Suetônio diz de Augusto e o A. cita em nota, a p. 57, que «Augusto, pur eccellendo largamente nelle lettere greche, non giunse tuttavia a parlare speditamente il greco, né osó scrivere qualche cosa in tale lingua, ma, nel caso, scriveva in latino e faceva tradurre lo scritto in greco?»

Tampouco nos parece aceitável a atribuição à literatura latina de obras em Grego, como os Evangelhos e o Antigo Testamento (p. 34). O simples critério político, derivado da história do Império Romano, parece-nos francamente insuficiente para justificar tal atribuição.

E as exigências da tese levam o A. ainda mais longe, a defender o «trilinguismo» de Roma, porque Cristo falou em aramaico e, na opinião do A., a literatura latina cristã nasce com Cristo.

Apraz-nos concluir esta recensão de trabalho tão original e sugestivo, salientando a vastidão dos horizontes culturais abarcados em tão estreitos limites pela visão compreensiva do Autor.

MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO

Guido Mancini Giancarlo, *San Isidoro de Sevilla. Aspectos literarios.*

Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo. Series Minor: IV.
Bogotá, 1955. 131 pp.

Numas palavras introdutórias, assinala Fernando Antonio Martínez as características principais do trabalho que vamos recensear. Desde logo ficamos a saber que este livro resulta «da aplicação do método filológico moderno a um problema histórico-cultural, o problema de Santo Isidoro dentro da mentalidade e espírito da primeira Idade Média, de todo o séc. vn, e suas naturais consequências e implicações dentro da vida espiritual espanhola da época e dos séculos seguintes», (p. 11)

Trata-se, na verdade, de um ensaio de literatura que vem ocupar um lugar de relevo na bibliografia de Santo Isidoro, numa nova visão da obra isidoriana, que o professor Mancini pretende reabilitar de juízos que a deformam e diminuem. É a originalidade de Santo Isidoro o grande tema de Mancini e neste campo é particularmente valiosa a sua contribuição.

As primeiras páginas do livro, «Introducción», servem ao A. para fixar os limites à sua investigação. As considerações que tece sobre a bibliografia isidoriana são orientadas no sentido de marcar a independência da sua posição frente aos problemas suscitados pelo grande Bispo de Sevilha. Tal linha de proceder não o impede, no entanto, de prestar homenagem aos investigadores precedentes, nomeadamente a Arévalo, cuja actividade representa um marco decisivo no conhecimento da vida e da obra de Santo Isidoro.

No primeiro capítulo, «Biografía y leyenda», discute o A. a importância das lendas para a elaboração duma biografia do Santo. Afigura-se-nos ser este o capítulo mais fraco da obra que estamos a analisar. O esforço despendido pelo A. na valorização da tradição lendária é pouco mais que infrutífero. Nada acrescenta o A. de positivo à informação histórica de S. Bráulio, que continua a ser o repositório principal das notícias sobre a vida de Santo Isidoro. O problema do conhecimento que teria existido entre Santo Isidoro e S. Gregório não recebe do A. qualquer solução aceitável. Os argumentos da imaginação não bastam para garantir o que não está comprovado historicamente, segundo a própria declaração do Autor: «...imagina-se que Santo Isidoro foi a Roma para assistir a um grande Concílio. Inútilmente buscaremos nas actas a historicidade deste Concílio.» (p. 35)

O milagre da chuva, narrado pelo Arcipreste de Talavera, recebe do A. uma interpretação puramente arbitrária. A chuva com que a caridade do Santo acudiu à aflição dos agricultores, oprimidos pela seca, é interpretada como uma alegoria da cultura religiosa. Diz Mancini:

«Não quereríamos que o entusiasmo e a fantasia nos arrastassem também, mas custar-nos-ia não sublinhar, neste episódio, a alegoria relativa à ciência de Isidoro. A terra está queimada e os corpos enfermam pela falta da chuva celestial que é a cultura religiosa. A sabedoria do Santo leva remédio a estes males como uma chuva benfiteira.» (p. 37)

Parece-nos altamente perigosa esta transposição dos factos da lenda. O que se observa, afinal, é que as conclusões fundamentais deste capítulo as tira legitimamente o A. dos próprios textos de Santo Isidoro e que o papel da lenda se resume a uma simples confirmação dos dados históricos.

O segundo capítulo, «Notas sobre las obras isidorianas», é dedicado à análise estética e ideológica das diferentes obras de Santo Isidoro. Nele se procura mostrar uma evolução artística que culmina na obra fundamental: as *Etimologias*. O esforço

do A. orienta-se no sentido de uma valorização da produção literária de Santo Isidoro e, dum modo geral, a análise é certa e equilibrada. Assim, não foge o A. a assinalar os aspectos negativos das obras que julga e a sua apreciação de *Synonyma*, feita a p. 56, documenta perfeitamente a sua isenção. Mas, por vezes, dir-se-ia que o entusiasmo o leva a descobrir arte e poesia em passos onde dificilmente se podem vislumbrar tais características. A um trecho das *Etimologias*, citado a p. 66, acrescenta o A. este comentário:

«Porventura parecerá estranho que neste passo se possa encontrar valor poético, pois o seu tom geral é completamente informativo; desprende-se, no entanto, dele uma sugestão que vai muito mais além de uma fria notícia documental.» E a demonstração que se segue resulta pouco convincente.

No terceiro capítulo, «El encicloidismo isidoriano», estuda o A. demoradamente as *Etimologias*, cuja originalidade defende contra a afirmação tradicional de encicloidismo. Prova o A. a existência de um plano, que confere uma unidade profunda a esta obra de Santo Isidoro. Sugestivo e fecundo nos parece este aspecto da investigação de Mancini. Surgem, no entanto, problemas que não recebem do A. solução decisiva. Assim, a apresentação desordenada das etimologias no livro X não nos parece ter ficado cabalmente esclarecida. Como explicar, por exemplo, a presença, neste livro, de etimologias referentes a qualidades físicas do homem, se o livro seguinte é precisamente dedicado a este assunto? E, a p. 85, conclui o A. sobre a originalidade das *Etimologias*:

«Santo Isidoro quis fazer uma obra por meio da qual o homem tivesse a possibilidade de conhecer a sua origem e o seu fim, em relação com a divindade, juntamente com a visão do mundo e da sua própria vida.»

Recebem, assim, as *Etimologias* uma interpretação adequada ao espírito prestigioso do seu Autor.

No capítulo quarto, «El clasicismo isidoriano», discute o A. a natureza das relações entre Santo Isidoro e a tradição greco-latina. De acordo com a orientação impressa ao seu trabalho, procura o A. reduzir a importância dos elementos clássicos para fazer avultar a originalidade da obra isidoriana. A ideia fundamental do A. é que «as referências de autores clássicos são empregadas por Santo Isidoro essencialmente por necessidade poética e só em pequena quantidade com fim prático» (p. 98).

Afigura-se-nos, porém, que, despojada do prestígio de egrégio transmissor da cultura clássica, a figura do Santo fica, de algum modo, empobrecida.

O último capítulo, «El estilo isidoriano», corresponde a uma intenção fundamental do pensamento de Mancini. As observações de carácter estético, disseminadas ao longo da obra, são agora completadas e sistematizadas. À análise brilhante faremos um ligeiro reparo; o tom desataviado, exclusivamente didáctico,

XVIII

que por vezes assume a prosa do Santo e onde se poderá vislumbrar uma atenção voltada para as ideias, desinteressada dos primores do estilo, é encarecido pelo A. de forma talvez pouco ajustada à realidade. Assim, por exemplo, a p. 122, afigura-se-nos desproporcionado ao trecho citado o comentário do Autor: numa enumeração de factos históricos, meramente informativa e desprovida de quaisquer ornatos estilísticos, vê o A. nada menos que «solenidade austera e quase hierática».

Marcaremos ainda a nossa discordância sobre um pequeno pormenor. A p. 128 transcreve o A. o seguinte período de Santo Isidoro:

Sol appellatus eo quod solus appareat, obscuratis fulgore suo cunctis sideribus (3, 71, 1).

E, mais adiante, acrescenta o seguinte comentário:

«No exemplo 1) o Sol aparece em seu fulgor e em sua solidão, e estas duas qualidades são aptas para reproduzir a imagem grandiosa, que não teria logrado a mesma eficácia com uma descrição mais cuidadosa e astronómicamente mais completa. Num caso como este, pode-se falar de um período muito ingénuo?»

Não vemos motivo que justifique estas palavras do Autor. No texto de Santo Isidoro apresenta-se uma etimologia, não se pretende fazer a descrição científica dum astro. O período reduz-se, portanto, aos elementos que interessam, eliminando tudo aquilo que seria supérfluo e deslocado.

Estas são, no entanto, pequenas manchas em livro tão valioso sob muitos aspectos. A Mancini fica devendo uma notável homenagem o alto espírito do sábio Bispo de Sevilha.

MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO

John Jackson, **Marginalia Scaenica**. Oxford Classical and Philosophical Monographs. Oxford University Press, 1955. IX + 250 pp.

Um dos problemas mais sérios e, aparentemente, um dos mais áridos no campo dos estudos clássicos, é a fixação dos textos dos autores. Dada a condição precária em que os manuscritos e os paleótipos chegaram até nós, numa altura em que o trabalho de retransmissão da obra escrita dependia inteiramente da ciência e da atenção do copista, não é de estranhar que a lição de certos passos tenha levantado largos debates entre os eruditos mais eminentes e suscitado problemas cuja solução ainda hoje não se pode divisar. Uma investigação de tal ordem exige daquele que a